

“Qualquer dia amigo, a gente vai se encontrar”

LUIZ FERNANDO EMEDIATO
Enviado especial

Ele entrou solenemente ontem no pequeno átrio do Palácio da Liberdade, acompanhado de música, pranto e tragédia, e hoje será enterrado no amado chão que o conheceu nos seus primeiros e distantes dias. Mas, assim como Moisés, não pôde ter a graça de ver sua Terra Prometida nem deixou, para conduzir seu povo, as mãos experientes de Josué, seu herdeiro.

“Mas eu não podia adivinhar — lamenta o arcebispo — que minha comparação tivesse de ser, como foi, tão exata. Pois também Moisés não viu a terra que buscava para a sua gente.” E o Deuterônimo era lembrado com emoção: “Eis aí, morro eu nesta terra. Não passarei o Jordão. Passa-lo-eis vós, e possuireis este belo país”. Tancredo Neves morreu, mas a esperança do povo em ter a democracia continua e aí de quem desapontá-lo. A advertência estava presente anteontem, no Palácio do Planalto, e ontem, no da Liberdade, na boca de todos os políticos, espantados com as manifestações populares por onde passa o cortejo.

Um dos primeiros a chegar ontem ao Aeroporto da Pampulha foi o arcebispo e delegado patriarcal da Igreja Ortodoxa Síria no Brasil, mar (que equivale a dom) Crisóstomos Moussa Salama, que tomou para si uma solitária cadeira num canto do aeroporto e ali ficou, lendo. “A religião é o melhor aliado do ser humano nas épocas difíceis” sentenciou, solene, quando alguém lhe perguntou se podia explicar o fervor das pessoas que, ao longo dos últimos 40 dias, acompanharam a lenta agonia de Tancredo Neves.

Mar Crisóstomos, cuja igreja tem sede em Homs, na Síria, disse que há vários anos era amigo pessoal de Tancredo, com quem esteve pela última vez na época da campanha pelas eleições diretas. “Eu vim, espontaneamente, comissionado por minha igreja, para homenageá-lo, no momento em que não podia faltar. Eu estava rezando quando recebi a triste notícia da sua morte.”

O POVO QUER TANCREDO

“Tiradentes e Tancredo, dois mineiros e um só compromisso: a liberdade.” É o que diz uma das faixas lá fora. Foi o governador Hélio Garcia quem mandou espalhar faixas, centenas de faixas, pelo percurso inteiro do cortejo, do aeroporto ao Palácio da Liberdade: 12 quilômetros de mensagens. “Minas entrega à Pátria o mártir da Nova República”, diz outra delas. O povo começa a aglomerar-se, mas não a ponto de preocupar os guardas ou pressionar as cordas.

“Ele morreu, mas deixou a herança de suas idéias, a chave para se entrar na terra que só viu de longe”,

Horas antes, no aeroporto da Pampulha, enquanto aguardava o corpo de Tancredo Neves, o arcebispo coadjutor de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo, lembrou com tristeza a homilia em que, há três meses, comparou-o a Moisés, que vagou 40 anos no deserto, conduzindo seu povo para a Terra a ele reservada pelo Senhor. Também Tancredo, disse dom Serafim, andou 40 anos pelo deserto, às vezes fértil, às vezes estéril, da política brasileira.

insiste dom Serafim, apressado, antes de entrar na sala vip do aeroporto. O Boeing presidencial está chegando e as autoridades se agitam. Todos correm para recebê-lo, enquanto lá fora o povo grita: “Tancredo é nosso”. Descem do avião dona Risoleta, os parentes, frei Beto, vestindo um esvoaçante hábito branco, que se mantém discretamente ao longe enquanto os cadetes da Aeronáutica colocam o caixão sobre o carro do Corpo de Bombeiros que o transportaria.

O cortejo fez em menos de uma hora o percurso que, vivo, Tancredo fizera em 17 de janeiro quando foi também recebido pelo povo de Minas, logo depois de eleito. Mas, naquela época, havia menos gente. On-



tem, os jornalistas não puderam chegar a um acordo a respeito de quantas pessoas haviam ao longo das ruas: 500 mil? Um milhão? E a discussão só parou quando alguém disse que “era a mesma multidão que ficou aqui mesmo vendo passar o papa em 1980”.

“Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar”, dizia a inscrição de um sujo pedaço de papelão empunhado por uma velhinha de pés descalços. O cortejo, levando também os jornalistas sobre dois caminhões, passou muito rápido, enquanto o povo protestava: “Devagar, devagar, para o povo acompanhar”. Mas ninguém diminuiu a velocidade. Por isso a multidão se conformou em correr atrás, suando e gritando palavras de ordem, de tal forma que, quando o cortejo chegou ao Palácio da Liberdade, ninguém sabia mais onde ter-

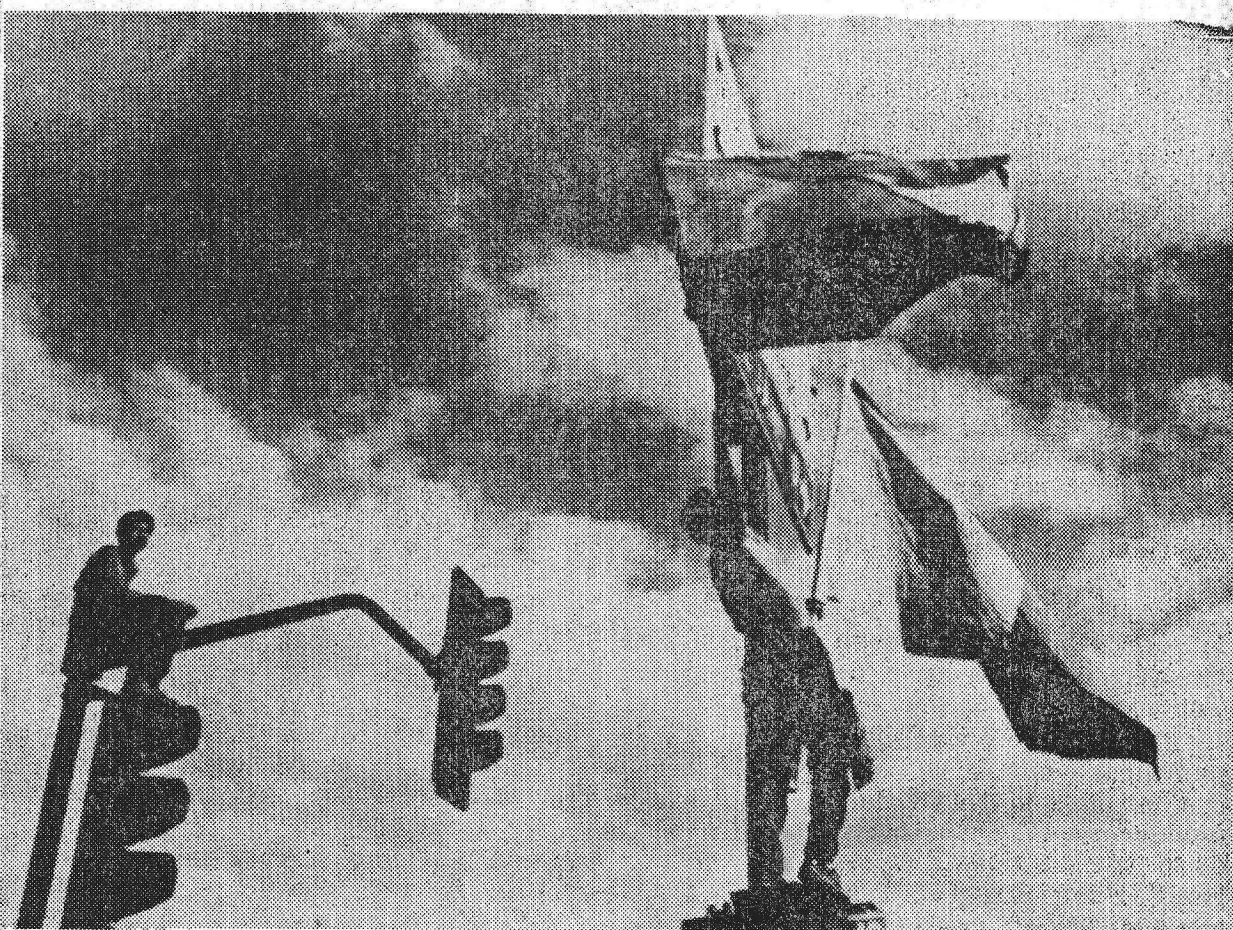
minava a massa humana que se comprimia para ver, ainda que de relance, a urna com o sofrido corpo de Tancredo Neves.

Diante do Palácio da Liberdade, uma breve pausa para que as autoridades entrem. O povo esperou em ordem. O locutor oficial do governo de Minas, com voz trêmula, estimulava a emoção e o pranto. O caixão entrou tendo à frente, caminhando também lentamente, ao som da “Marcha Fúnebre” de Chopin, os ministros Ronaldo Costa Couto e José Hugo Castelo Branco, ladeando o governador Hélio Garcia, que desta vez quase não falou, emocionado: “não sei o que dizer — explicara ainda no aeroporto. — Perdi meu grande chefe. Talvez o último liberal de Minas Gerais”. O alto-falante continua a embalar a emoção da massa: “E agora eles transportam o corpo do nosso herói, do novo difusor de idéias, do líder que habitará entre nós na luta pelos ideais da democracia. O continuador da obra do nosso maior e mais festejado herói”. Um minuto de emoção, enquanto a comitiva avança. O caixão transpõe os portões gradeados do Palácio da Liberdade, que se fecham lentamente. O povo, decepcionado, se agita.

“O Tancredo é nosso”, gritou uma pobre mulher espremendo-se no meio de milhares de outras pessoas, homens, mulheres e crianças. Um jornalista informa que, na avenida Afonso Pena, o povo quis invadir a rua e os policiais, assustados, repeliram os manifestantes a golpes de cassetete. Pressente-se então a tragédia: mulheres desmaiavam, crianças gritam, um homem negro e gordo rola pelo chão, sem ar, e é socorrido.

O locutor pede calma pelos alto-falantes, avisando que todos poderão ver o caixão do presidente eleito dentro do Palácio, um a um, se entram em fila, mas poucos acreditam — seriam necessários dias para que todos tivessem a mesma oportunidade — e se recusam a obedecer. “Não vim de longe para ficar atrás das cordas como gado”, protesta um homem rude, de botas. “Queremos ver o nosso pai”, choram duas mulheres de lenços negros sobre os cabelos.

Os policiais são então empurrados violentamente pela corrente humana, homens e mulheres caem e são pisoteados; alguns gemem; todos gritam. As grades do Palácio tremem, comprimidas pela massa de pessoas aglomeradas, antes que dona Risoleta (ver página seguinte) tome o microfone para, emocionada, dizer suas serenas e soluçantes palavras, pedindo calma aos presentes. “Quem dirigirá essa gente, agora, meu Deus?”, pergunta um homem sozinho que se afasta, lutando contra a corrente. Organizou-se a fila e o tumulto diminuiu. Poucas horas depois, os mineiros começariam a contar os anônimos mortos na inesperada tragédia que se abateu sobre alguns dos que, motivados pela dor ou pela curiosidade, deixaram suas casas para tentar ver o que restou daquele que pretendia conduzi-los para uma nova terra, um novo país, uma nova democracia.



As bandeiras espalhadas por Belo Horizonte, não importa onde. A saudade do líder era maior